

**A IMPORTÂNCIA DO OUTRO DIANTE DA PÓS-MODERNIDADE**  
***THE IMPORTANCE OF THE OTHER IN THE FACE OF POSTMODERNITY***

Marcus Túlio Martins Lourenço<sup>1</sup>

Vicente de Paulo Colodeti<sup>2</sup>

**RESUMO:** A Modernidade trouxe o ser humano ao centro do pensamento, colocando-o como um ser absoluto em suas relações. Porém, em nossa sociedade pós-moderna o problema ético se apresenta como desafio para o estabelecimento das relações entre os Homens. Esse desafio nos leva a questionar qual a importância do “outro” perante o problema ético estabelecido pela fragilidade das relações coletivas e valorização do individualismo. Diante deste questionamento, o presente artigo, por meio de pesquisa bibliográfica, seguida de uma discussão e reflexão filosófica, discute e esclarece a importância do “outro” diante da pós-modernidade. Aponta as características gerais da Pós-Modernidade e sua relação com a valorização do “outro”. Por fim, concordando com Lévinas (2005), reconhecemos a relação com o “outro” como âmago de toda vinculação humana. Diante da valorização da individualidade na Pós-modernidade, é preciso prezar pela garantia de uma valorização do outro enquanto existente e parte do Homem.

**Palavras-chave:** Alteridade; Relação; Outro

**ABSTRACT:** Modernity has brought the human being to the center of thought, placing him as an absolute being in his relationships. However, in our post-modern society, the ethical problem presents itself as a challenge for the establishment of relations between men. This challenge leads us to question the importance of the "other" in the face of the ethical problem established by the fragility of collective relations and the valorization of individualism. Faced with this questioning, this article, through bibliographic research, followed by a philosophical discussion and reflection, discusses and clarifies the importance of the "other" in the face of postmodernity. It points out the general characteristics of Post-Modernity and its relationship with the valorization of the "other". Finally, agreeing with Lévinas (2005), he recognizes the relationship with the Other as the core of every human bond. Faced with the valorization of individuality in Postmodernity, it is necessary to value the guarantee of an appreciation of the other as existing and part of Man.

**Keywords:** Otherness; Relation; Other

---

<sup>1</sup> Centro Salesiano Unisales. Vitória/ES, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Salesiano Unisales. Vitória/ES, Brasil.

## 1. INTRODUÇÃO

Quando falamos em ser humano, falamos, entre outras coisas, de um ser social que se desenvolve a partir de suas relações com o “outro”. Porém, com o advento do Iluminismo, o ser humano abandona as tradições e os hábitos que o ajudava na construção de relações interpessoais se colocando como centro de si mesmo e de sua cultura. Neste processo, o “outro” é reduzido ao “eu” e tudo o que circunda esse mesmo “eu” (cultura, religião, ideologia e visão de mundo).

Na verdade, pensamos no ser humano moderno como um ser gestado dentro de uma proposta que o emancipa de quaisquer entraves de pensamento e de sentimento, livre de religiões, de crenças e ideologias, de teorias explicativas e superficiais; ele seria o fruto da própria razão, autogerindo sua realidade, desde as primícias até as consequências de seus atos. Um sujeito pleno, capaz de vislumbrar a verdade e a razão como as únicas auxiliadoras necessárias para uma vida equitativa em sociedade (Colombo, 2012. p. 33).

Diante do não reconhecimento, da negação da existência do “outro” existente na pós-modernidade, que Lévinas (2005) propõe uma reconfiguração no sentido da relação com o “outro”, valorando a ética do humano. Lévinas (2022) fundamenta toda sua filosofia na relação com o “outro”:

[...] O Outro [sic] metafisicamente desejado não é ‘outro’ como o pão que como, como o país em que habito, como a paisagem que contemplo, como, por vezes, eu para mim próprio, este ‘eu’, esse ‘outro’. Dessas realidades, posso ‘alimentar-me’ e, em grande medida, satisfazer-me, como se elas simplesmente me tivesse faltado. Por isso mesmo, a sua **alteridade** incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. O desejo metafísico tende para uma **coisa inteiramente diversa**, para o **absolutamente outro** (Lévinas, 2022, p. 19, grifo do autor).

Este artigo objetiva fomentar reflexões acerca da importância do “outro” diante da pós-modernidade. Sendo assim, essa pesquisa abarca o conceito da Alteridade, trabalhado por Emmanuel Lévinas (2005). Para Lévinas (2005), o “outro” exerce um papel fundamental nas relações intersubjetivas. Portanto, ele constrói uma filosofia ética, na qual a responsabilidade pela alteridade do “outro” possui um valor essencial.

Dito isso, este trabalho surge por meio da seguinte pergunta: como entender a importância do outro diante da pós-modernidade? Assim, com o intuito de responder o nosso problema de pesquisa, faremos, no próximo item, um apanhado geral sobre alguns significados da Idade Moderna e do momento chamado de Pós-Moderno com destaque às ideias de Bauman (2001). Além disso, dedicaremos um olhar sobre a filosofia de Lévinas (2022), tendo como centro o conceito de alteridade. Segundo Lévinas, é característica da ética o “outro”, ou seja, o ser humano é ético por meio do “outro”. Sendo assim, a importância que a alteridade projeta na responsabilidade com o outro. Já no item 3, serão apresentados os procedimentos metodológicos aqui adotados. No item 4, buscaremos estabelecer a importância do “outro” na filosofia de Lévinas (2005) em conexão com a ética e a relação com o “outro”. Em uma era em que a individualidade e o fechamento de si são propagados, nada melhor que resgatar a dimensão do “outro” como também a dimensão do eu para uma

construção da sociedade ética. Concluímos este breve artigo com as considerações finais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A MODERNIDADE: BREVES CONSIDERAÇÕES

O conceito de Modernidade, o qual iremos utilizar, está vinculado à ruptura entre o modo de produção vigente e o feudalismo. A razão, no período moderno, torna não apenas o fator que distingue o homem dos demais seres, mas o único fator que concede ao homem uma soberania sobre todos os seres, e até sobre o próprio homem quando este tenta trilhar outros caminhos. É notório, ainda, que a modernidade é um período histórico que inicia com o avanço técnico científico e, com o marco histórico, da separação entre Igreja e Estado.

A modernidade anunciou o fim do sagrado que marcava a pré-modernidade – a sacralidade da crença na salvação e o espírito de pertinência e coesão da comunidade. [...] Seis conceitos centrais estão na base do que veio a ser conhecido como “modernidade”: a epistemologia racional crítica, a “universalidade”, o ideal iluminista de progresso, a diferenciação estrutural, a integração funcional e o determinismo [...]. A partir desses princípios, segue-se uma plêiade de instituições acessórias, de formas de interação social, um tipo de conhecimento e um sistema epistemológico dominante para estudar o mundo material e social, experienciando-o e nele vivendo [...] (Habermas, 1987 apud Shinn, 2008, p. 46).

A modernidade deposita uma enorme crença no progresso, com o desenvolvimento da Física Newtoniana e do Método Científico, a partir desse processo, observou-se que o progresso iria organizar a sociedade racionalmente. De acordo com Pereira (2002, p. 39): “O paradigma moderno admitiu um mundo objetivo, passível de ser descoberto pelo método científico, composto de uma realidade simples, ordenada, mecânica, estável.” Dessa forma, o período moderno se apresenta com um espírito de otimismo na sociedade e o Iluminismo enfatiza a obtenção de conhecimento através da experiência sensorial e desempenhando um papel fundamental ao estabelecer a razão e a ciência como meios legítimos de compreender o mundo. Esse enfoque racionalista, subjacente ao Iluminismo, provocou uma transformação profunda na estrutura social e econômica vigente. Esse movimento abalou os fundamentos sociais e políticos, minando a autoridade do domínio monárquico absolutista.

Os filósofos iluministas [...] acreditavam que se todos fizessem parte de uma sociedade justa, com direitos iguais a todos, a felicidade comum seria alcançada. Por esta razão, eles eram contra as imposições de caráter religioso, as práticas mercantilistas, o absolutismo do rei e os privilégios dados a nobreza[sic] e ao clero [...]. (Silva, 2007, p. 2).

As ideologias políticas, religiões organizadas e sistemas filosóficos, moldavam a visão do mundo das pessoas. A identidade estava frequentemente associada a grupos e instituições sociais voltados para a racionalidade, a modernidade impulsionou o homem a redobrar o olhar para si, e a tecnologia era vista como uma ferramenta para melhorar a vida e a produção. Segundo Lyon (1998 apud Cruz, 2010, p. 36): “[...] a ênfase ao movimento progressivo da história foi facilmente

combinada com a convicção de que as coisas, de uma maneira geral, estavam melhorando, especialmente sob o impacto do pensamento iluminista emergente [...]"

O objetivo era unificar e padronizar, promovendo a modernização e o progresso. Nesse ponto, torna-se evidente que a estrutura social que existia sofreu mudanças significativas. As relações interpessoais foram redefinidas à medida que a realidade se transformou. Com os ideais iluministas, o homem torna-se o "centro do universo". O homem, no período moderno, interessava-se pela natureza por meio da observação, dedicava-se à pesquisa e por se dedicar tanto às experimentações, acabava por desenvolver uma consciência racional em relação aos acontecimentos do mundo.

As importantes transformações ocorridas nos diversos setores (político, social, econômico, cultural, filosófico, científico, técnico, religioso) resultariam no surgimento e afirmação, no cenário europeu do século XVII, do Capitalismo, do Individualismo, do Nacionalismo e do Racionalismo. Esse Mundo novo se refletiu numa nova sistematização cosmológica, obra do ramo das Ciências Exatas da Ciência Moderna (Galileu, Kepler, Descartes, Huygens e Newton). No avanço dos demais ramos da Ciência (Física, Química, Ciências do Homem e da Terra), no advento do pensamento científico e na formulação de métodos de procedimento e de pesquisa. A Filosofia Natural, cumprido seu papel histórico, evoluiria, e em bases e com métodos e objetivos novos surgiria a Ciência Moderna [...] (Rosa, 2012, p. 34).

Por fim, a modernidade foi um período histórico caracterizado por avanços na tecnologia, na ciência, avanços nas grandes navegações e grandes descobertas na medicina, enfatizando a razão, a industrialização e a busca do progresso. Entretanto, também foi um período em que foram criadas armas bélicas mortais, incluindo a bomba atômica e isso acabou impulsionando as grandes guerras.

No tópico a seguir trataremos sobre a pós-modernidade, uma era marcada pela desconstrução das narrativas impostas pela era moderna e, caracterizada pela pluralidade e incerteza.

## 2.2 A PÓS-MODERNIDADE: CARACTERÍSTICAS GERAIS, IDENTIDADE E INDIVIDUALISMO

Sabemos que a história da humanidade é classificada em diferentes períodos, conforme a cultura, a ética, modo de vivência, etc. O período pós-moderno é definido por diversas modificações nos vários âmbitos humanos: sociedade, ciências, pensamento e, principalmente, no modo de ser e agir do homem. Em outras palavras, a pós-modernidade, de acordo com os autores que sustentam este artigo, rompe com os paradigmas estabelecidos até então. A expressão "pós-moderna" se popularizou com o filósofo Lyotard (1993), mas muitos filósofos pós-modernos denominam a pós-modernidade de outras formas. Bauman (2001), por seu turno, chama o momento atual de "modernidade líquida" e Lipovetsky (2005), por sua vez, a denomina de "hipermodernidade".

Segundo as reflexões de Lipovetsky (2005), o período pós-moderno é caracterizado por uma era que carece de um tom otimista, destacando o predomínio do

individualismo e a fragilidade das relações coletivas. Segundo o autor, a sociedade atual se configura como “pós-disciplinar”, descrita pela priorização do indivíduo, um cenário em constante mudança e um consumo exacerbado. Além disso, destaca-se a vulnerabilidade dos laços interpessoais, tanto no âmbito coletivo quanto no âmbito individual (Lipovetsky, 2005).

A pós-modernidade, em contraste com a modernidade, destaca o ceticismo em relação às grandes narrativas e metanarrativas. Há uma exposição das explicações universais e uma ênfase na relatividade da verdade, vista como subjetiva e influenciada por perspectivas individuais e culturais. A identidade torna-se mais personalizada, e os indivíduos são incentivados a criar suas próprias identidades fora das normas sociais tradicionais. A diversidade cultural e a fragmentação são valorizadas, enquanto a busca pela unificação é vista com ceticismo.

[...] a operação saber pós-moderno, com sua heterogeneidade, dispersão das linguagens e teorias flutuantes, não passa de uma manifestação do abalo geral, fluido e plural que nos faz sair da era disciplinar e que, assim fazendo, esvazia a lógica do homo clausus ocidental. É apenas nessa ampla continuidade democrática e individualista que se desenha a originalidade do momento pós-moderno, a saber, a predominância do individual sobre o universal, do psicológico sobre o ideológico, da comunicação sobre a politização, da diversidade sobre a homogeneidade, do permissivo sobre o coercitivo (Lipovetsky, 2005, p. 92).

Na contemporaneidade pós-moderna, observa-se uma ausência de confiança nas narrativas amplas, permitindo a emergência de uma variedade de abordagens linguísticas. Nesse contexto, os indivíduos com autoridade exercem influência sobre a definição da vida como um mero esforço para aumentar a eficácia. A existência humana é simplificada ao aumento do poder, enquanto a justiça social e a verdade científica são direcionadas para a otimização do desempenho e da eficiência do sistema. A métrica da eficiência é generalizada em todos os domínios da vida. Assim:

Considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos ‘metarrelatos’. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. (Lyotard, 1993, p. 3).

O autor esclarece o significado do termo e identifica o panorama cultural subsequente às mudanças que impactaram as regras do jogo da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX.

O período pós-moderno trouxe consigo uma série de mudanças culturais e sociais significativas, e uma das características proeminentes deste período é o fortalecimento do individualismo. O individualismo é a ideia de que o indivíduo deve ser o centro de sua própria vida, tomando decisões com base em suas preferências e necessidades pessoais. Esse impacto é resultado de uma série de fatores, incluindo o colapso de grandes narrativas ideológicas, o avanço da tecnologia da informação e o crescimento do consumo.

A burocracia, a proliferação das imagens, as ideologias terapêuticas, o culto ao consumismo, as transformações da família, a educação permissiva engendrou uma estrutura de personalidade, o narcisismo, indo a par com as

relações humanas cada vez mais bárbaras e conflituosas. Os indivíduos se tornaram mais sociáveis e cooperativos apenas aparentemente; por trás da tela do hedonismo e da solicitude, cada um explora cinicamente os sentimentos dos outros e satisfaz seus próprios interesses sem a menor preocupação com as gerações futuras [...] (Lipovetsky, 2005, p. 49-50).

O consumismo tem impacto direto no individualismo pós-moderno. Em uma sociedade onde o consumo de bens e serviços é altamente valorizado, as escolhas de consumo tornam-se um meio essencial de autoexpressão. As pessoas muitas vezes definem quem são por meio do que compram e consomem, tornando o ato de consumir uma forma de afirmar sua individualidade.

Dito isso, para os propósitos deste artigo tendo, trataremos da pós-modernidade, a seguir, a partir de algumas ideias de Bauman (2001) para um melhor entendimento deste período atual de nossa história.

### **2.2.1 A pós-modernidade segundo Bauman: sociedade líquida, “mundo” flexível**

Bauman (2001) ao tratar da pós-modernidade a caracteriza pela liquidez das relações sociais, o autor denomina a pós-modernidade como modernidade líquida, utilizando a metáfora da liquidez para descrever a volatilidade e fluidez dos laços interpessoais na era contemporânea. Ao contrário da modernidade, em que as relações sociais eram mais estáveis e as instituições eram mais duradouras, na era atual, as estruturas sociais são mais maleáveis e sujeitas a rápidas mudanças. Nesse contexto, instituições e valores que antes eram firmes e feitos para durar tornam-se efêmeros, resultando em uma constante reconfiguração da sociedade.

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (Bauman, 2001, p. 12).

Bauman (2001) faz uma analogia com a água para ilustrar como funciona este fenômeno. Assim como a água possui a capacidade de se adaptar a qualquer forma de recipiente em que ela está inserida, as relações sociais na sociedade líquida se adaptam rapidamente às novas circunstâncias e narrativas. Isso implica que as pessoas estão constantemente em movimento, buscando novas conexões e oportunidades, ao invés de estabelecerem relações duradouras e estáveis. Dessa forma, ocorre um processo de individualização na modernidade líquida, na qual os indivíduos têm maior liberdade de escolha, mas também uma maior responsabilidade por suas decisões. Isso pode levar a um sentimento de incerteza e ansiedade.

Essa liquidez também se aplica às instituições e às estruturas sociais, que não são mais estáveis e previsíveis, é mais fluido e suscetível a mudanças. Até mesmo as



normas e os valores, que costumavam ser sólidos, agora são mais flexíveis e estão sujeitos a redefinições constantes.

Os fluidos se movem facilmente. Eles 'fluem', 'escorrem', 'esvaem-se', 'respingam', 'transbordam', 'vazam', 'inundam', 'borrifam', 'pingam', são 'filtrados', 'destilados'; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho... Associamos 'leveza' ou 'ausência de peso' à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais níveis viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movimentos (Bauman, 2001, p. 8).

Essa perspectiva de liquidez tem implicações profundas na forma como entendemos as dinâmicas sociais, econômicas e culturais na contemporaneidade. Ela desafia concepções tradicionais de estabilidade e permanência, e coloca em questão a maneira como as pessoas constroem suas identidades e relações no mundo atual.

Na sociedade onde nada é permanente, abre espaço para nos questionar sobre como é a ética nesse mundo líquido. A ética pós-moderna abandona a ilusão da universalidade da lei moral e assume que são as capacidades morais das pessoas que possibilitam a existência contínua e o bem-estar de uma sociedade (Bauman, 1997).

Será a condição pós-moderna um avanço quanto às realizações morais da modernidade? A pós-modernidade golpeou as ambições modernas de legislação ética universal e solidamente fundada; mas será que também eliminou todas as oportunidades que a modernidade teve de melhoria moral? No campo da ética, deve se considerar a pós-modernidade como passo avante ou como retirada?" (Bauman, 1997, p. 254).

A intensificação das trocas culturais, econômicas e tecnológicas entre diferentes partes do mundo alterou significativamente a dinâmica social. Nesse contexto, "[...] o contato face a face é substituído pelo contato tela a tela dos monitores" (Bauman, 2011, p. 27). É assim que se estrutura o mundo líquido, fonte de centenas de novos contatos, em sua maioria superficiais. Isso levou a uma sensação de desenraizamento e desorientação, à medida que as fronteiras geográficas e culturais se tornam menos definidas, isso se dá pela globalização que o autor considera um dos pilares da modernidade líquida.

Além disso, Bauman (2011) destaca como as relações na sociedade pós-moderna se dão como uma forma de mercadoria, o consumo não é apenas uma atividade econômica, mas também uma forma de expressão identitária, isto é, desempenha um papel fundamental na construção da identidade das pessoas. A modernidade líquida está diretamente relacionada ao consumismo (Bauman, 2011) porque tudo nela é fluído; as pessoas tendem a abraçar o consumismo instantâneo para superar o vazio existencial. Por um lado, a sociedade de consumo promete satisfazer os desejos das pessoas de uma forma que outras sociedades não o fizeram; por outro lado, é uma sociedade insatisfeita porque quando um desejo é satisfeito, surge imediatamente outro desejo, e assim segue infinitamente, porque o sujeito é movido pelo desejo. A cultura de massa, por sua vez, não se limita a produtos culturais padronizados, mas engloba uma multiplicidade de subculturas e nichos.

Por fim, Bauman critica a busca incessante pela segurança e estabilidade em um mundo caracterizado pela incerteza. Ele alega que a busca por soluções definitivas em um contexto fluido e mutável é uma empreitada fadada ao fracasso (Bauman, 2001). Em vez disso, sugere a necessidade de adotar uma postura mais flexível e adaptativa diante das complexidades da pós-modernidade.

### 2.3 ALTERIDADE: A PROPOSTA DE LÉVINAS

O conceito de alteridade é anterior à filosofia leviniana, ao determos em seu significado no Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2000, p. 34), encontraremos a seguinte definição: “Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro”. Ou seja, a nossa responsabilidade com o “outro”, se desenvolve a partir da integração com o “outro” existente.

Lévinas nasceu em Kovno, Lituânia e foi educado em uma família judaica tradicional. Considerado um dos grandes pensadores da ética do século XX, escreve toda sua teoria filosófica a partir do conceito de alteridade (2005)

Para esse autor, a filosofia ocidental, desconsidera a “alteridade do outro”, ou seja, o “outro”, só é aceito dentro dos limites do eu, como, por exemplo, minha cultura, minhas ideias, minha filosofia, minha visão de mundo, etc.

A compreensão do Outro[sic] em Lévinas exige que o Outro continue sendo sempre o Outro e não “outro eu”. O Outro como alteridade não pode ser conceituado, mas permanecer concreto. O Outro permanece sempre o outro metafísico do qual o Eu necessita. O outro é o absolutamente outro - Outrem. O Outro não é absolutamente minha representação; é o caminho do infinito que, essencialmente, me escapa. (Martins, 2014, p. 6).

A ética ocidental é vista então como uma munição para a guerra contra o outro, estabelecida, uma vez que o outro é visto como uma ameaça, ressaltando uma visão de mundo egocêntrica. Segundo Lévinas (2005), o “outro” é visto como inexistente.

O autor argumenta que a relação com o “outro” é anterior a qualquer compreensão ou compreensão do mundo. Em outras palavras, antes de entendermos ou categorizarmos o mundo ao nosso redor, já estamos em uma relação ética com o “outro”. Essa relação ética com o “outro” é descrita por um imperativo categórico: “não matarás”. É uma ética da responsabilidade em relação ao “outro” ser humano.

A relação de alteridade é já um estatuto ético, [...], a ética da alteridade se estrutura numa relação entre Eu, o Outro [sic] e o terceiro excluído (subjetividade). [...] Nesta relação interpessoal, o Outro [sic] não está sobre meu poder, Eu não posso comandar o Outro [sic] porque não é minha propriedade e nem um objeto. Ele é quem comanda, ele não é propriedade minha, mas o próximo, meu mestre, que me apela à máxima diferença de não matar; o próximo para o qual tiro da boca o único pedaço de pão para saciar a sua fome (Melo, 2003, p. 204).

Alteridade é uma chamada que nos coloca em uma posição de responsabilidade em relação ao “outro”. A presença do “outro” nos exige consideração, sua humanidade, sua singularidade e seu valor intrínseco, independentemente de qualquer conceito ou categorização que possamos ter. Lévinas critica a filosofia tradicional, que muitas vezes coloca o eu no centro de todas as considerações, em detrimento do “outro”.



Para Lévinas, é preciso mudança, pois a ética da alteridade ocorre quando a alteridade é preservada sem deixar de acolher o “outro” em sua fragilidade e necessidade. Não é a posse do “outro”, mas aceitação, pois o “Eu” será sempre o mesmo e o “outro” será sempre o “outro”. Para ele: “[...] ética, é o humano, enquanto humano [...], o único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao ‘outro’ [...]” (Lévinas, 2005, p. 149-150).

A alteridade proposta pelo filósofo não é uma questão de escolha, mas uma condição fundamental da existência humana. Uma ética baseada na alteridade, conforme defendida por Lévinas (2005), coloca o “outro” como uma prioridade máxima, mas isso se manifesta no contexto das relações, em vez de ser considerada a instância final. Em conformidade com o pensamento de Lévinas (2005), a ética é concebida como uma filosofia primordial, cujas bases são determinantes por meio da desconstrução da ontologia. Essa ética, sendo uma filosofia primordial, não depende da metafísica tradicional, mas surge dentro de um contexto relacional. Ela é estabelecida pela dinâmica da interação entre o eu e o “outro”. É justamente a relação com o “outro” que nos chama a agir eticamente e a considerar a humanidade do “outro”. Essa ética da responsabilidade é vista como uma das maneiras pelas quais podemos combater o egoísmo e o totalitarismo, promovendo uma sociedade mais justa e compassiva.

O inter-humano está também na providência de uns em socorro com os outros, antes que a alteridade prestigiosa de outrem venha banalizar-se ou ofuscar-se num simples intercâmbio de bons comportamentos que se terão como 'comércio interpessoal' nos costumes [...]. É na perspectiva inter-humana de minha responsabilidade pelo outro homem, sem preocupação com reciprocidade, é no meu apelo e socorro gratuito, é na assimetria da relação de um ao outro (Lévinas, 2005, p. 141-142).

Desta forma, o pensamento de Lévinas (2005) coloca uma ênfase e prioridade na alteridade, onde a responsabilidade do Eu em relação ao “outro” é legitimada na relação, particularmente na preservação da vida. Isso significa que a responsabilidade deve se expandir, estendendo-se a todos os âmbitos da vida pessoal e social do indivíduo. Isso inclui não apenas a realidade de qual o indivíduo está inserido, mas também o “outro”, muitas vezes negligenciado, esquecido ou marginalizado pela sociedade. Assim, somos chamados a assumir responsabilidades não apenas em relação a esse “outro”, mas também com relação ao próximo. Isso nos lembra que o sujeito não é simplesmente um ser voltado para si mesmo, mas um ser conectado a todos os “outros”, incorporando sua própria alteridade (Lévinas, 2005).

### **3 METODOLOGIA**

Buscamos, aqui, apresentar os elementos principais sobre os procedimentos metodológicos adotados para a construção deste artigo e produção de uma resposta ao presente problema de pesquisa. Assim, abordaremos, a seguir, os seguintes aspectos, quais sejam: 1) a natureza bibliográfica de nossa pesquisa; 2) as principais fontes de nossas informações.

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, proporcionando ao pesquisador um vasto campo de informações, “[...] além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto”. (Gil, 1994 apud Lima; Mito, 2007, p. 40).

Sendo assim, este projeto será realizado a partir da filosofia trabalhada por Emmanuel Lévinas. O método para a efetuação parte de uma pesquisa bibliográfica feita por meios de livros, artigos e revistas e, a partir disso, relacionar o conceito de alteridade com a crise ética da pós-modernidade, tendo como base os estudos de Zygmunt Bauman.

Para a realização desse artigo, usamos como biografias fundamentais, as obras Totalidade e Infinito (2022) e Entre nós. Ensaio sobre a alteridade de Lévinas (2005), usaremos as obras Ética pós-moderna (1997), Modernidade Líquida (2001), 44 Cartas do mundo líquido moderno (2011) de Bauman. Ademais destas obras, utilizaremos livros, artigos, revistas, reportagens e comentários de Carlos Augusto de Proença Rosa (2018), Daniel Nery da Cruz (2010), Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira (2002), Francis Madlener e Nilson Fernandes Dinis (2007), Felipe Fróes Couto e Alexandre de Pádua Carrieri (2018), Giovanni Reale (2018), Gilles Lipovetsky (2005), Jean-François Lyotard (1993), Maristela Colombo (2012), Ministério da Justiça e Segurança Pública, Mírian dos Santos e Thiago Guimarães (2014), Nelio Vieira de Melo (2003), Observatório de Mortes e Violência LGBTI+ no Brasil (2022), Organização das Nações Unidas (2022), Papa Francisco (2013,2017,2021),Portal G1 (2023), Rogério Jolins Martins (2014), Terry Shinn (2008).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após fazer a revisão bibliográfica desde a Modernidade, passando pela Pós-modernidade através de uma visão ampla e desde de a perspectiva de Bauman (2001), buscaremos , a seguir, responder o nosso problema de pesquisa, a saber: como entender a importância do outro diante da pós-modernidade? Assim, no subitem 4.1 tentaremos discorrer sobre a relação com o outro. Por fim, descreveremos sobre a relação ética.

### 4.1 A RELAÇÃO COM O OUTRO

Na sociedade pós-moderna a identidade do sujeito não é fixa, essencial, imutável e, por isso, o Homem tem sua identidade construída através de um processo histórico e cultural. Primeiro o Homem existe e depois constrói sua essência. Sendo assim, sua essência não é formada biologicamente, mas historicamente. Portanto, não nascemos com uma essência, não nascemos prontos e não é possível prever como será nossa vida, pois é com e em relação com o outro que vamos construindo a nossa identidade:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no

momento do nascimento. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento [...] (Hall, 2006, p. 38).

Somos seres lançados neste mundo de possibilidades, em busca da integração com o mundo e construção, processual e contínua, de nossa personalidade. Sendo assim, ao afirmar que vamos construindo-nos, logicamente, estamos afirmando que o que seremos hoje, não revela o que seremos amanhã. É um processo coletivo e não individual, já que não consigo me relacionar comigo mesmo.

Estamos imersos em uma cultura em que o 'eu' sempre prevalece diante do 'nós' ou do 'outro'. Sempre temos dificuldade em acolher o "outro", enquanto "outro" existente. É necessário integrar o 'eu' ao 'Outro' para uma construção identitária mais harmônica e um transcurso feliz. Vejamos:

Depois, trata-se ainda de integrar as dimensões individual e comunitária. É inegável que somos filhos de uma cultura, pelo menos no mundo ocidental, que exaltou o indivíduo até o transformar numa ilha, como se pudéssemos ser felizes sozinhos. Por outro lado, não faltam visões ideológicas e poderes políticos que esmagaram a pessoa, que a massificaram e privaram da liberdade sem a qual o homem já não se sente tal. Nesta massificação estão interessados também poderes económicos que querem explorar a globalização, em vez de favorecer uma maior partilha entre os homens, simplesmente para impor um mercado global do qual são eles mesmos que ditam as regras e obtêm os lucros. O eu e a comunidade não são concorrentes entre si, mas o eu só poderá amadurecer na presença de relacionamentos interpessoais autênticos, e a comunidade só será geradora quando o forem todos e cada um dos seus componentes. Isto é válido ainda mais para a família, que constitui a primeira célula da sociedade e na qual aprendemos a viver juntos. (Francisco, 2017)

Neste sentido, podemos dizer que somos seres de relação e nos construímos a partir da relação com o "outro". Todo ser humano foi criado para viver em conjunto com a família, com a comunidade e com a sociedade. Não somos seres criados para viver sozinhos. Não é possível que deixemos que cada ser humano viva por si só ou que viva apenas com o grupo que lhe interessa. É por meio da relação com o "outro" que o Homem é capaz de entender-se e entender o mundo que o cerca. Quando o indivíduo se abre ao "outro", ele se abre às interações e proposições que o "outro" lhe indica, além de rever seus ideais e conceitos que o ajudam a viver em sociedade.

Essa forma de agir, implica no respeito à singularidade do outro enquanto "outro". Não é possível que prevaleça o 'eu' diante do "outro". O que o "outro" necessita para ser incluído em nosso sistema ético? Trago aqui, dentro os diversos 'outros', quatro deles que, ao meu ver, clamam por sua existência e voz em nossa sociedade. São eles: a mulher, o pobre, o refugiado e a comunidade LGBTQIAPN+.

Para justificação das reflexões propostas para os subitens que se seguem, utilizaremos discursos do Papa Francisco proferidos, em diferentes ocasiões. Faremos também a utilização de um artigo de Felipe Fróes Couto e Alexandre de Pádua Carrieri (2018), além de dados apresentados nos sites do Observatório de Mortes e Violência LGBTI+ no Brasil e da Organização das Nações Unidas.

#### 4.1.1 A mulher

Apesar de alguns pequenos avanços, a mulher continua sendo vista como aquela 'senhora' do lar. Em uma sociedade machista e patriarcal, como a nossa, a mulher é relacionada aos serviços da casa e suas ações devem ser de submissão ao homem. Mesmo aquelas que possuem um trabalho, sempre são cobradas de um bom êxito no serviço doméstico.

A desigualdade de gênero continua sendo a grande causa de feminicídios em nosso país. As ideias de que a mulher deve ser subalterna aos homens e que suas vontades não possuem tanta relevância ainda pairam em conversas de muitas famílias espalhadas pelo Brasil.

O Brasil teve um aumento de 5% nos casos de feminicídio em 2022 em comparação com 2021, aponta levantamento feito pelo g1 com base nos dados oficiais dos 26 estados e do Distrito Federal. São 1,4 mil mulheres mortas apenas pelo fato de serem mulheres - uma a cada 6 horas, em média. Este número é o maior registrado no país desde que a lei de feminicídio entrou em vigor, em 2015. (Velasco *et al.*, 2023. Acesso em 5 nov.)

A mulher ainda é vista como “objeto” que promove prazer ao homem, e por isso não deve ser respeitada, mas sim usada e abandonada quando não é mais necessário. Sua singularidade não é respeitada e sua contribuição na construção das relações interpessoais não é levada em conta.

Reconhecer a alteridade na mulher, é devolvê-la para si mesma, trazendo toda a sua singularidade e existência na nossa sociedade. Reconhecer que ela é possuidora de uma voz e de direitos que necessitam ser ouvidos e exercidos.

#### 4.1.2 O pobre

De acordo com dados apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2023, “cerca de 670 milhões de pessoas vivem atualmente com menos de US\$ 2,15 por dia; estimativa é que 7% dos habitantes do planeta sejam extremamente pobres até o fim desta década” (ONU, 2023).

Uma parte da população vive, ou melhor, sobrevive em condições de extrema exclusão social, não tendo acesso a saúde e educação de qualidade, expostos a doenças e sujeitando a salários que não conseguem manter um ritmo de vida satisfatório.

Eu sou superior, logo, devo conquistar. Para Dussel (1977), alguns homens se colocam na posição de deuses pensadores e outros de meros homens trabalhadores. Seja pela vontade de Deus, seja pela dominação e domesticação dos corpos humanos, é assim porque é. Logo, não há razão que coíba, para aqueles que são deuses, a violação ou a dominação dos corpos daqueles que trabalham, pois, estes são considerados um “não ser” ou meramente, seres exteriores à totalidade. A exterioridade é a segunda categoria – e diz respeito aos sujeitos que não se adequam à totalidade criada ou são excluídos desta. Na condição de exterioridade, a um corpo não necessariamente é atribuída a humanidade, e por isso, não há aplicabilidade de um fundamento moral comum. [...] (Dussel, 1977 apud Couto; Carrieri, 2018, p. 634).

O pobre é visto como aquele que não deve ascender à sociedade e por isso, vive às margens: oculto, despreziado, negado, humilhado, desrespeitado. É notório que ele,

o pobre, reclama por sua alteridade e por seu valor intrínseco diante de cada um de nós: ele faz parte da sociedade e por tanto, tem algo a aportar na construção da identidade social e do sujeito.

É decisivo aumentar a sensibilidade para se compreender as exigências dos pobres, sempre em mutação por força das condições de vida. Com efeito, nas áreas economicamente mais desenvolvidas do mundo, está-se menos predisposto hoje que no passado a confrontar-se com a pobreza. O estado de relativo bem-estar ao qual se habituaram torna mais difícil aceitar sacrifícios e privações. Está-se pronto a tudo só para não ficar privado daquilo que foi fruto de fácil conquista. Deste modo, cai-se em formas de rancor, nervosismo espasmódico, reivindicações que levam ao medo, à angústia e, nalguns casos, à violência. Este não é o critério sobre o qual construir o futuro; também estas são formas de pobreza, para as quais não se pode deixar de olhar. [...] A assistência imediata para acorrer às necessidades dos pobres não deve impedir de ser clarividente para atuar novos sinais do amor e da caridade cristã como resposta às novas pobreza que experimenta a humanidade de hoje [...] (Francisco, 2021).

#### 4.1.3 O refugiado

De acordo com o Ministério da Justiça e Segurança Pública, o conceito de refugiado está ligado a toda e qualquer pessoa que, devido a sua raça, grupo social, religião, sexualidade/identidade de gênero, opinião política, é obrigado a sair de seu país de origem e não pode ou não quer retornar ao mesmo por medo de represália, buscando assim refúgio em outros países. (Brasil,2023)

Neste sentido a sua integridade sofre uma ruptura, pois se vê obrigado a deixar sua cultura para defender a sua vida e reconstruí-la em um outro ambiente. Para que o Outro exista, é necessário que ele tenha acesso a aspectos básicos para sua vivência, como por exemplo: liberdade de expressão, educação, saúde, cultura, alimentação digna e trabalho.

Quando ocorre a supervalorização do 'eu' sobre o outro, aspectos que são importantes para o convívio social, construção interpessoal e a construção da integridade são suprimidos, dando lugar às guerras por sobrevivência e disputa de poder. Aqueles que são mais fracos ou se opõe ao regime vigente são obrigados a recorrer outros lugares para garantirem a vida.

Os migrantes e refugiados não são peões no tabuleiro de xadrez da humanidade. Trata-se de crianças, mulheres e homens que deixam ou são forçados a abandonar suas casas por vários motivos, que compartilham o mesmo desejo legítimo de conhecer, de ter, mas, acima de tudo, de ser mais. É impressionante o número de pessoas que migram de um continente para outro, bem como aqueles que se deslocam dentro de seus próprios países e áreas geográficas.[...] ( Francisco, 2014).

#### 4.1.4 A Comunidade LGBTQIAPN+

O campo da sexualidade e da afetividade é um tabu para tantas pessoas em pleno século XXI. Existe ainda a prevalência da ideia de que o homem deve necessariamente se relacionar afetivamente e sexualmente com uma mulher ou vice-versa. Não se admite a união entre pessoas do mesmo sexo. Membros da



comunidade LGBTQIAPN+ sofrem discriminação, rejeição por parte da família e da sociedade, levando-os a desenvolver problemas psíquicos e até mesmo a solidão.

Por meio de discursos fundamentalistas, são proibidos de existir enquanto seres singulares e que contribuem para a construção do ser humano. Não temos o direito de acrescentar mais sofrimento e dor, naqueles que já sofrem por si só. Não é humano e para aqueles que se dizem cristãos, vale ressaltar que promover o ódio, é uma atitude contra a Lei dada por Deus e plenificada em Jesus Cristo

De acordo com o dossiê apresentado pelo Observatório de Mortes e Violência LGBTI+ no Brasil, no ano de 2022, 273 pessoas morreram apenas por serem LGBTI+s. É preocupante conviver com taxas tão altas de mortes, sendo vistas como algo natural e corriqueiro em nossa sociedade.

O membro da comunidade LGBTQIAPN+ requer ser acolhido e entendido como Outro numa sociedade tão multicultural. Trazê-los à sociedade é preservar sua vida e sua existência.

Para Foucault, a jornada não deve buscar descobrir “quem se é”, “como se é” ou “por que se é” de determinada maneira, mas sim como fazer da vida uma experiência transformadora e renovada a cada experiência, libertando-se de valores morais socialmente impostos e regulados, nas suas palavras: “temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos” (Foucault, 2005 apud Madlener; Dinis, 2007, p. 55).

## 4.2 A ÉTICA

Difícilmente adentra-se à discussão sobre o Homem, sem antes, pensar em Ética e/ou Moral, visto que, o norte da natureza humana precisa ser guiado por princípios e valores, que outrora foram interpretados sendo certo ou errado. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, a definição de ética é determinada da seguinte maneira:

Ética. 1. Estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal. 2. Conjunto de normas e princípios que no campo investigativo do conceito Ética, percebe-se que parcialmente a Filosofia, externa a temática ética como: “[...] ‘motivos’ ou ‘causas’ da conduta humana, ou das ‘forças’ que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos. [...]” (Abbagnano, 2000, p. 380).

No campo investigativo do conceito Ética, percebe-se que parcialmente a Filosofia, externa a temática ética como: “[...] ‘motivos’ ou ‘causas’ da conduta humana, ou das ‘forças’ que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos. [...]” (Abbagnano 2000, p. 380).

Na busca por construir este trabalho, valemo-nos de questões relevantes levantadas por Marques e Marques (2016) as quais nos ajudam sobre maneira a caracterizar a ética, a saber:

[...] ética é algo que internamente todos sabem que se trata, porém, algo difícil de explicar e conceituar. Tradicionalmente a ética é compreendida como uma reflexão científica, filosófica e, eventualmente teleológica, sobre os costumes e ações humanas. (Marques; Marques, 2016, p. 5).



Outro fator importante, é que não existe duelo entre ética e moral, ao contrário, ética e moral possuem uma relação de proximidade, como, por exemplo, a “[...] Moral é objeto da ética, conduta dirigida ou disciplinada por normas. [...]” (Abbagnano 2000, p. 682). Dito isso, podemos dizer, que na ética estão os princípios, valores, costumes e hábitos que auxiliam o Homem na vivência social. É notório que a ética é que sofre alterações conforme o tempo histórico, o espaço e a cultura. Sendo por isso, interpretada segundo o meio em que se vive. Neste aspecto, a Moral está relacionada com a vivência prática das normas éticas.

Com a Pós-modernidade, o Homem supervaloriza o individualismo e, em muitos momentos, deixa-se de lado às expressões coletivas, tornando-o, modelo ético a ser seguido. Na humanidade pós-moderna, as relações se tornam líquidas, ou seja, as relações deixam de ser sólidas e perdem seu devido valor.

A ética constitui a Filosofia primeira e, por ser relação, antecede a Ontologia. O seu ponto de partida é o reconhecimento da alteridade do outro, algo a ser observado no pensamento de Lévinas. Tendo o Homem a compreensão acima, pode-se dizer:

“A ética levinasiana se sustenta apenas pela experiência ética do face a face, pois, a verdadeira relação ética para Lévinas não é da união, mas sim da relação face a face. Na relação com o infinitamente outro enquanto outro – outrem -, não é adequada à ideia teórica de outro eu-próprio. O Outro é a razão que fundamenta o Eu”. (Santos; Guimarães, p. 9).

A ética, no atual contexto pós-moderno, entra em uma crise de valor. Sendo assim, aquilo que antes era considerado um valor para a sociedade, ou seja, o que seria eticamente correto ou não na construção das relações interpessoais e dos direitos humanos entram em questionamento e, conseqüentemente, em crise. O Homem é instigado a não mais sentir compaixão pelo outro que está a sua frente e que faz parte da mesma sociedade em que se vive. Cada vez mais, somos provocados a nos fechar em nosso mundo, e nossos valores éticos e morais vão sendo cada vez mais fluidos.

Com isso, é necessário o resgate ético nas relações interpessoais, caso contrário, o que pode-se esperar é uma sociedade cada vez mais fria e individualista. É notório, que o Homem pós-moderno deve sair da ideia de ser em si mesmo, para a exterioridade do Outro. É preciso dar ao outro a possibilidade de existir e o outro dê a possibilidade de que o eu exista.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para poder entender a realidade de uma pós-modernidade individualizada, em que as relações interpessoais e éticas não são construídas profundamente, é preciso entender como chegamos a este estágio social por meio dos conceitos de modernidade, pós-modernidade. Se queremos construir, juntos, relações profundas e marcantes e que auxiliam, também, na construção social, precisamos trabalhar o conceito de alteridade e outro.

Em termos de ciências humanas só existe o outro por existir o eu, ou seja, o eu e o outro é uma relação social. Analisando as características da Pós-Modernidade,

verificamos que neste período da história da sociedade humana, a supervalorização do eu se contrapõe à construção de relações profundas e coletivas.

Dito isso, e a partir do conceito de alteridade trabalhado por Lévinas, é que podemos reafirmar a resposta que tivemos no item 4 à nossa pergunta: a ética da alteridade é a proposta para a Pós-modernidade. Em outras palavras, uma ética que parte do reconhecimento do outro enquanto ser que existe. É por meio do reconhecimento do outro que chegaremos ao respeito, ao amor, e especialmente, a responsabilidade com a alteridade do outro.

É quando entendemos a necessidade do outro que poderemos reconhecer-nos e reconhecer também o outro. Após o reconhecimento de suas alegrias, necessidades, dificuldades é que poderemos cultivar uma responsabilidade. A devida importância do outro é um convite ao cuidado das pessoas, especialmente aquelas que se sentem desrespeitadas, marginalizadas e desconhecidas.

Diante do exposto, faz-se necessário considerar a contribuição deste estudo para a reflexão da importância do outro no mundo pós-moderno. É importante ressaltar que o referido estudo não esgota o tema, pois pode-se aprofundar nas questões de visibilidade do rosto do outro frente o mundo contemporâneo, além de questões que merecem um aprofundado estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

Bendito seja Deus! Bendita seja sua presença através de pessoas que me acompanharam durante todo este processo! Agradeço pela presença amorosa de mãe, amiga e companheira da Bem-aventurada Virgem Maria, mãe de Deus e nossa! Agradeço pela presença dos meus pais e dos meus irmãos: com eles tive a primeira experiência de responsabilidade com o “outro”. Agradeço a companhia, escuta e confiança da minha Ordem Religiosa, os Padres Escolápios, no qual por meio de Piedade e Letras educamos para a transformação do indivíduo e da sociedade, fazendo crescer o respeito, o amor e a alteridade para com o “outro”. Não poderia me esquecer de algumas pessoas específicas que escutavam : Padre Deibson Gouveia, Sch.P., Padre Olivier, Sch.P., Natalia e Roberto e, especialmente, ao meu orientador Prof.º Doutor Vicente de Paulo Colodeti que de maneira muito paciente me guiou neste processo de escrita sobre a importância do outro em nosso mundo contemporâneo.

## **REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ª ed. Tradução coordenada por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. Tradução de João Rezende Costa. Paulus, São Paulo, 1997.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Zahar, Rio de Janeiro, 2011.

COLOMBO, Maristela. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Rev. bras. psicodrama**. v.20, n.1, São Paulo jun. 2012.

COUTO, F. F.; CARRIERI, A. de P. Enrique Dussel e a Filosofia da Libertação nos Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 4, p. 631–641, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/69213>> Acesso em: 24 out. 2023.

CRUZ, D. A Modernidade e a Descoberta do Sujeito. **Revista Eletrônica Print by http://www.ufsj.edu.br/revistalable**, São João del-Rei/MG, n.12, p.19- 37 / 2010. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistametanoia/3\\_DANIEL\\_NERY.pdf](https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistametanoia/3_DANIEL_NERY.pdf)> Acesso em: 01 out. 2023.

CRISTIANE, T. et al. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 set. 2023.

**Dossiê denuncia 273 mortes e violências de pessoas LGBT em 2022**. Disponível em: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. 7º ed. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. Curitiba, Positivo, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso por ocasião do 50º aniversário da Populorum Progressio Promovido pelo serviço de desenvolvimento Humano Integral**. Vaticano, 2017. Disponível em: [Aos Participantes no Congresso por ocasião do 50º aniversário da "Populorum Progressio". promovido pelo Serviço de Desenvolvimento Humano Integral \(4 de abril de 2017\) | Francisco \(vatican.va\)](#). Acesso em: 25 de outubro de 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres**. Vaticano, 2021. Disponível em: [V Dia Mundial dos Pobres, 2021: «Sempre tereis pobres entre vós» \(Mc 14, 7\) | Francisco \(vatican.va\)](#) Acesso em: 26 de out. de 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado**. Vaticano, 2013. Disponível em: [Mensagem para o](#)

100º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2014 (5 de agosto de 2013) | Francisco (vatican.va) Acesso em: 23 de out. de 2023.

LÉVINAS, E. **Entre nós. Ensaio sobre a alteridade.** 2 ed. Vozes, Petrópolis, 2005.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito.** 3º ed. Biblioteca de filosofia contemporânea, 2022.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo.** Manole, Barueri, 2005.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade e a perspectiva Foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 19 - n. 1, p. 49-60, Jan./Jun. 2007.

MARQUES, S. S.. MARIS, S. M. S. Reflexões sobre a ética pós-moderna. **Revista Científica Semana Acadêmica.** Fortaleza, ano MMXVI, Nº. 000083, 24/05/2016. Disponível em:  
<<https://semanaacademica.org.br/artigo/reflexoes-sobre-etica-pos-moderna> >  
Acesso em: 13 set. 2023.

MARTINS, Rogério Jolins. **Introdução a Lévinas: Pensar a ética no século XXI/ Rogério Jolins Martins, Hubert Lepargneur** - São Paulo: Paulus, 2014 - (Coleção como ler filosofia).

MELO, N. V. **A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas.** EDIPUCRS, Porto Alegre, 2003.

ONU. **ONU foca na dignidade humana no Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza. 2022** Disponível em: <[ONU divulga relatório como “novos perfis da pobreza” e ações para enfrentá-los | ONU News](#)> Acesso em: 26 out. 2023.

BRASIL. **O que é refúgio.** Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/o-que-e-refugio>> . Acesso em: 5 nov. 2023.

PEREIRA, E.M. de A. Implicações da pós-modernidade para a Universidade. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v.7, n. 1, 2002. Disponível em:  
<<https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/1172>> Acesso em: 16 out. 2023.

REALE, G. **Filosofia: Idade Moderna.** Paulus Editora, São Paulo, 2018.

ROSA, C. **A História da Ciência**. FUNAG. Volume II, 2ª Ed. Brasília, 2012. <<https://funag.gov.br/loja/download/1020-Historia da Ciencia - Vol.II Tomo I - A Ciencia Moderna.pdf>>.

SANTOS, M. dos; GUIMARÃES, T. Alteridade, ética, linguagem no pensamento de Lévinas. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 40, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2138>> Acesso em: 2 nov. 2023.

SHINN, T. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Scientiae Studia**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11121>> Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA, J. B. O Iluminismo – A filosofia das luzes. **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**, Feira de Santana, 2007. Disponível em: <<https://beneweb.com.br/resources/O%20Iluminismo%20-%20A%20Filosofia%20das%20Luzes.pdf>> Acesso em: 30 de setembro.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina, FARIAS, Victor. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **Portal G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-femicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>> Acesso em: 5 nov. 2023.